

PIM-PAM-PUM!

DIRECTOR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII
N.º 654

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SÉCULO

O CORREDOR DA TENTACÃO

TRADUÇÃO LIVRE DUM CONTO DE VOLTAIRE

por JOSÉ DE OLIVEIRA

O rei de Serendbi, Nabussan, era um dos maiores príncipes da Asia. Sabia que os súbditos o roubavam, sempre que podiam. Já mudara de tesoureiro por várias vezes mas todos lhe saíam falsos.

Lembrou-se, então, de chamar um grande sábio do seu país, de nome Zadig. Quando este chegou ao palácio real, o rei disse-lhe:

— «Tu, que sabes tantas coisas, não és capaz de me dizer o melhor meio para eu arranjar um tesoureiro fiel?»

— «Majestade — respondeu Zadig — conheço um meio infalível para isso.»

Nabussan, encantado com tal resposta, abraçou o sábio e pediu-lhe que lho revelasse.

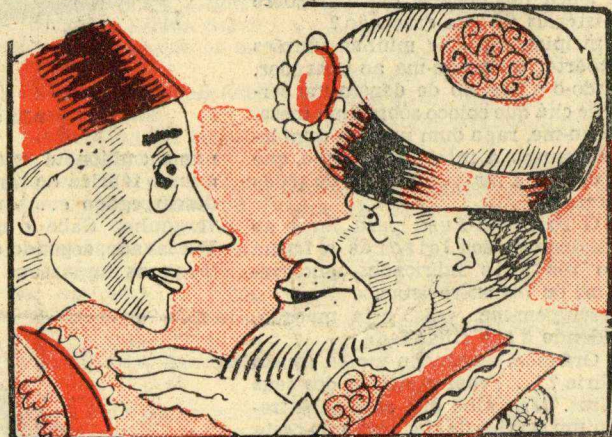
— «O único meio que há — disse Zadig, imperturbável — é fazer dansar todos os candidatos ao cargo de tesoureiro; e o que fór mais ágil, mais expedito, será esse, infalivelmente, o homem mais honesto.»

— «Estás a gracejar, Zadig. Eis uma forma engraçada para escolher um guarda do meu tesouro! Então julgas que o que trocar melhor o pé será o mais hábil financeiro?»

— «Não digo que seja o mais hábil, mas asseguro-vos que é o mais honesto.»

Zadig falava tão convicto, que o rei acabou por acreditar que o sábio conhecia algum segredo sobrenatural para descobrir financeiros.

— «Eu não gosto do sobrenatural — disse Zadig. Se Vossa Majestade me deixar agir livremente, dentro de bem



pouco tempo se convencerá de que o meu segredo é a coisa mais simples do mundo.»

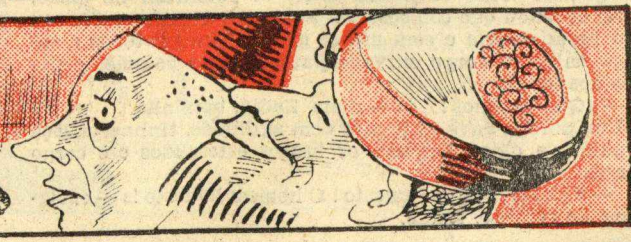
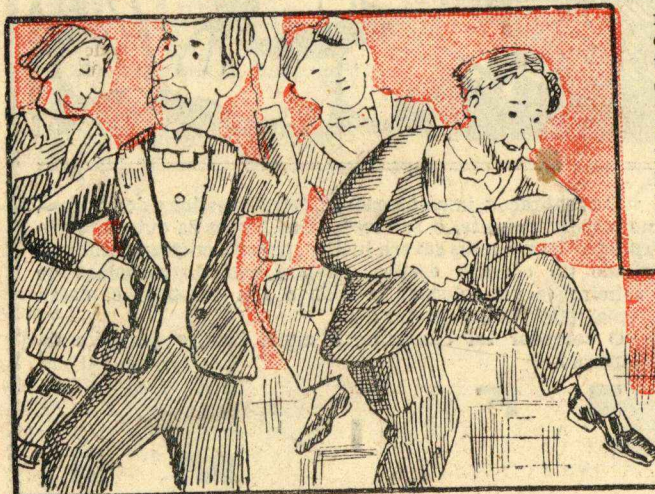
O rei, ao ouvir isto, ainda mais espantado ficou. No entanto, disse a Zadig:

— «Faze como entenderes.»

No dia seguinte, Zadig mandou apregoar por todo o reino, em nome do soberano, que todos aqueles que pretendessem o alto cargo de cobrador das rendas de Sua Majestade Nabussan se apresentassem, em *smoking*, na antecâmara do rei.

Acorreram à chamada sessenta e quatro pretendentes. Zadig havia mandado colocar violinos num salão próximo, para dar nêle um baile. Como a porta dêste salão abria para um corredor, mandou fechá-la cuidadosamente, tornando escuro, desta maneira, o dito corredor.

Um porteiro real veio, então, buscar cada candidato e introduziu-os, um após outro, no salão de baile, pela pas-



ENTREVISTANDO UM SERVIÇO DE CHÁ

por TAVARES PINTO

Leitores amigos:

O *Pim-Pam-Pum*, que procura sempre orientar os seus amiguinhos num sentido cultural e prático, tem-vos dado, a par de lindas poesias e engraçadas histórias, vários ensinamentos instrutivos que vos serão — creiam — úteis no futuro.

Por isso, seguindo o caminho traçado, ele vai dar-vos, hoje, uma lição de cerâmica, ensinando-vos, sob uma forma alegre, tôdas as operações por que passa a louça trivial, até a vêrdes sobre a mesa, diante de vós, repleta de boas iguarias.

E para isso, quem melhor que a própria louça nos poderia elucidar sobre os mistérios da sua execução?

Principiei, pois, as minhas funções de repórter, dirigindo-me ao aparador, abrindo-o e tirando de dentro um serviço de chá que coloco sobre uma mesa.

Sento-me, rapo dum papel e dum lápis e começo a interrogar o bule, que me pareceu a mais simpática de tôdas as peças:

— O *Pim-Pam-Pum*, para levar ao conhecimento dos leitores a forma como vós sois fabricados, encarregou-me de vos entrevistar.

Desculpem-me, pois, esta maçada, atendendo à sua finalidade.

— Ora essa, respondeu-me êle, (quem tal diria?!...) com o melhor dos seus sorrisos. Mas olhe que essa de entrevistar um serviço de chá tem uma certa graça...

Só o senhor se lembraria disso. E falava, batendo com o dedo indicador na testa, que é como quem diz na tampa.

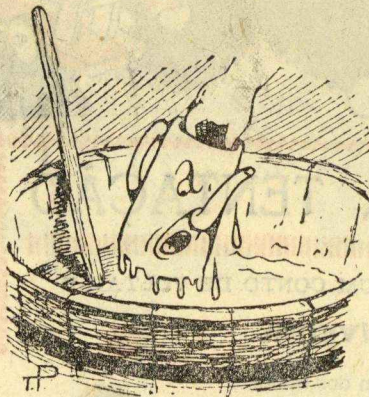
Isto indignou-me mas refreei-me e pedi-lhe para principiar.

— Muito bem, (começou êle, bem disposto). Atendendo a que se trata de informar os leitores dum jornalzinho tanto do meu agrado, acêdo de boa vontade ao seu pedido.

Ora aí vai:

— Nasci, como deve saber, de um mineral cinzento ou esbranquiçado, denominado barro ou argila.

Certo dia, uns senhores colocaram-me



Vidrando a louça

numa camioneta que me transportou a uma fábrica de cerâmica, onde fui descarregado e... que grande pouca vergonha. Sabe o que me sucedeu? Fui lavado, segundo diziam para tirar tôdas as impurezas que eu continha,

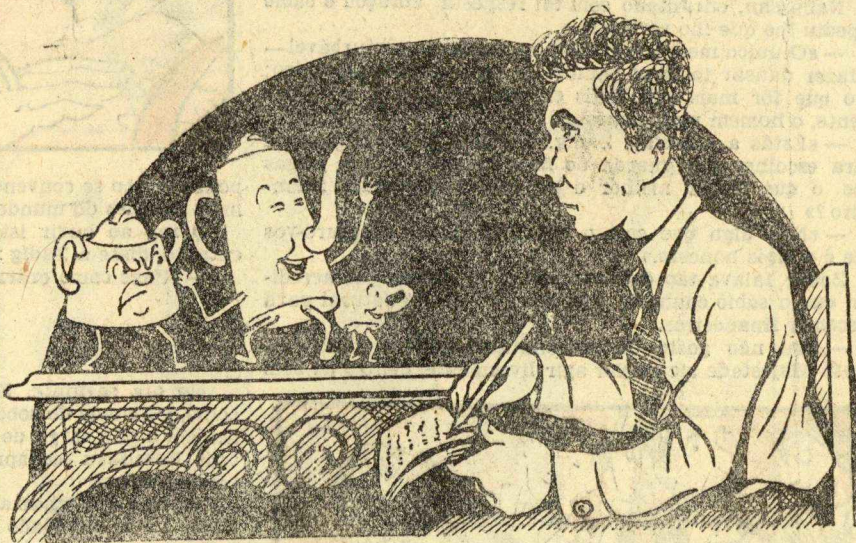
depois pisado a pés por matulões que pretendiam, assim o entendi, misturar comigo alguns produtos químicos, tornar-me numa massa homogênia e tirar tôdas as bolhas de ar que eu contivesse, pois correria o perigo de rebentar no forno.

Aqui abri eu (o repórter é claro) a bôca, admirado e o meu interlocutor, todo inchado da sua sapiência, elucidou-me:

— Sim, como sabe, o ar, como de resto todos os corpos, aumenta de volume em contacto com o calor. E uma bolha, por pequena que seja, com o forte calor que reina no forno, crescendo de volume, abriria fendas na louça, o que a inutilizaria.

Em seguida, um dos tais homens, a quem chamam oleiro, começou a meter bocados de barro em moldes especiais de gesso, e a fazer-lhe tomar as formas mais esquisitas: pires, chávenas, açucareiros, pratos... e em mim finalmente.

Em seguida, fomos todos postos a secar por espaço duns dias, até ficarmos sêcos completamente, visto não podermos ir para o forno molhados, sem perigo de rebentar.



sagem escura. Mas tinha o cuidado de o deixar ficar só, aqui, durante alguns minutos.

Quando todos os pretendentes se reuniram no salão, o rei ordenou que começassem a dançar. Nunca se dansou tão pesadamente e com menos graça. Tinham todos a cabeça baixa, o corpo curvado para o chão e as mãos pegadas aos lados.

— «Que gatunos!...» — dizia Zadig, baixinho.

Um, porém, dava os passos com agilidade, tinha a cabeça erguida, o olhar límpido, os braços estendidos e o corpo direito.

— «Ah! O homem honesto! O homem honesto!» — exclamou, de repente, Zadig.

O rei abraçou, imediatamente, êste dansador e declarou-o, no mesmo instante, o seu tesoureiro. Todos os outros foram punidos com a mais severa justiça, porque, enquanto tinham estado na câmara escura, haviam enchido os bolsos de dinheiro (o rei colocara lá todo o seu tesouro) e, dessa forma, mal podiam andar!...

O corredor foi chamado, e muito bem, o Corredor da Tentação.

F I M

— Enfim!... Foi uma infância perigosa; desabafou o bule.

Depois de enxutos, continuou ele, fomos «enforados», isto é: — fomos postos no forno, por uns sujeitos chamados forneiros. Ai, calcule, suportámos o calor terrível de 1200°!... E ainda os senhores se queixam, quando, nalgum dia mais quente de verão, o termómetro se eleva aos 40 ou 50°, — lamentou-se o bule, quasi a chorar e suando à lembrança da formidável temperatura.

Mas, depois, — continuou o meu entrevistado, mais animoso, — saímos do forno mais rijos, isto é: — cozidos, e, quando nos batiam, soltávamos um som todo catita, semelhante a um sino.

Passámos, em seguida, a uma secção chamada vidraria, onde nos mergulham num liquido esbranquiçado.

Quando saí do banho, reparei que trazia, agarrado a mim, um pó branco, branco, que era, segundo ouvi dizer, o vidro.

E lá voltei eu a sofrer o suplicio do forno, com uma temperatura igual à antecedente.

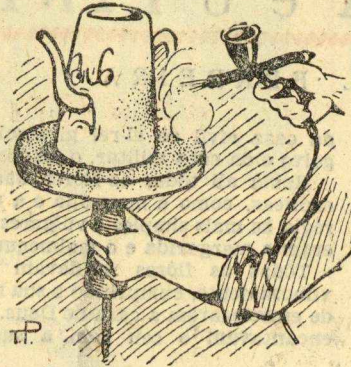
— Mas, agora, sim! Quando passadas algumas horas de lá saí, parecia outro.

Vinha bonito, todo a luzir, pois o tal pó branco tinha derretido e formado uma capa de vidro. Tanto assim que, por esta vez, dei por bem empregado o calor que apanhei.

Mas não acabam aqui os pratos de polé a que me sujeitaram. Fui a uma nova secção, a da pintura, onde me decoraram e pintaram com tintas muito bonitas, extraídas todas de metais.

Assim, o vermelho e o dourado são feitos com ouro. O prateado com prata, etc.

Depois desta operação, voltei, veja a minha sina, ao forno, pois as tintas,



Decorando a louça

por cozer, além de baças, saem com uma facilidade espantosa.

Desta vez, graças a Deus, suportei apenas o calor dum 800°.

— Apenas? exclamei eu, a suar. Safa!...

— É que os senhores são uns piegas; — disse o bule, com superioridade. Sabe? Quasi que tenho vergonha de os ter por irmãos.

— ... Porquê? — disse eu, espantado.

— Sim senhor, por irmãos.

— Ora essa, — volvi com um bocadinho de mostarda no apêndice nasal.

Então, não querem lá ver o toleirão a comparar-se com a espécie humana? Dizer que eu sou da sua família?! Seu descarado! Gritava eu, sentindo-me ofendido nos meus pergaminhos.

— Sem dúvida, — bradou a louça toda em córo e sem se desconcertar; — pois se você descende dum homem feito de barro, não havia de ser da nossa família?

— Nesse caso, o mais que podemos ser é primos, mas em grau bem afastado... — tornei eu, sem dar o braço a torcer.

A discussão ficou por aqui e o bule, ainda excitado, continuou a entrevista:

— Depois da última operação, da ida ao forno, fiquei pronto, definitivamente pronto.

Fui, em seguida, levado para um estabelecimento e, tempos depois, vendido juntamente com um açucareiro e seis chávenas que fazem parte da minha família. Assim, acabaram os meus tormentos.

Mas olhe, diga lá aos seus leitores que isto, que eu lhe contei, apenas se refere à manipulação da faiança.

Porque, por exemplo, a porcelana já é feita doutra maneira.

— Com que então você é de faiança? Disse eu, com modos depreciativos, para o vexar. Ora!... Ora!...

— Ora?! E com muitíssima honra; — gritou o bule escandalizado. O senhor talvez goste mais daquela delambida, daquela lambisgoia porcelana, tão magra, tão magra que até a luz se lhe vê através?

E veja, veja, como eu sou opaco, — dizia, trejeitando-se todo e pondo-se contra a luz, para eu o ver melhor.

E os trejeitos foram tantos, tantos os meneios, tantas voltas e mexidelas que, mal eu me precatava, — trás!... O bule tinha-se desequilibrado e feito em mil pedaços.

— Ainda bem que a entrevista estava no fim, monologuei eu, aliviado e sem me afligir muito com a morte do malogrado bule.

Deixa-me ir, agora, passar a limpo estas notas para as enviar ao *Pimpam-Pum*.

— Mas quem lhe disse que estava no fim a entrevista? — disse, ládo canto, o açucareiro.

— Pois quê, ainda havia mais? — Havia e há. Diga lá que os meus

(Conclue na página 7)

O LÉLÉ

Por ALBERTO NEVES

L E L É
é um menino-prodigio;
E sabe
Obedecer, cegamente;
— Até
Causa pasmo a muita gente.

LÉLÉ
E' um menino optimista:
Tem fé!
LE'LE'
Nunca há-de ser fatalista

A sua vida tem sido
Um paraíso sem rumo,
— Um paraíso perdido!...

Lá no quintal
Da avózinha,
Brinca o LÉLÉ...
— Brinca e pula mas é
Um homenzinho perfeito!
Ah, isso é que éle é!

Já pensa
No seu futuro!

Já diz
Que não quiere ser infeliz...



Ai, o LÉLÉ,
Que já é
Um homenzinho perfeito!
Ah, isso é que éle é!

! Quantos adultos conheço
Mais crianças que o LÉLÉ!
— Esses adultos que andam
Com a cabeça no ar!

... Homens ríspidos, cruéis...
Homens cheios
De pretensões...
Homens
Afortunados, até,
... Mas que não têm pensar!

Meninos de Portugal:
Segui sempre
O exemplo deste LÉLÉ!

— Não custa nada imitar!...

F I M

A VIOLETA e o LÍRIO

por MANUEL FERREIRA

NUM lindo jardim, nas paragens maravilhosas do céu, existiam, em grande quantidade, flôres de coloridas pétalas e suavíssimos perfumes.

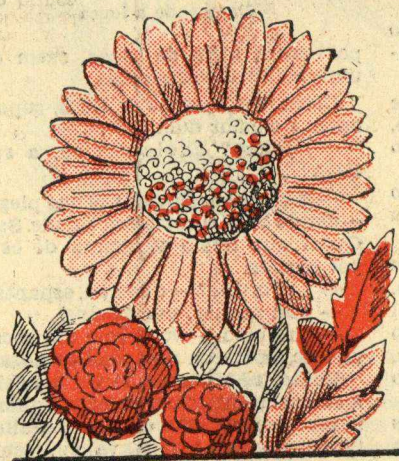
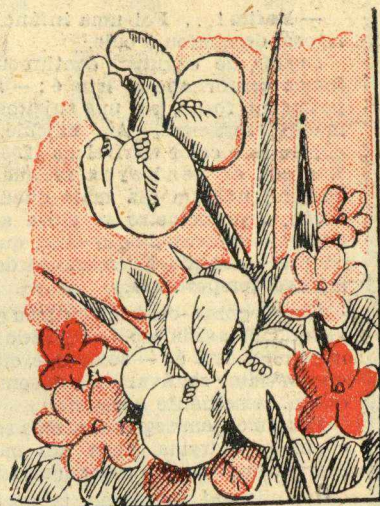
O rei daquele território era o girassol, que se erguia, altivo e dominador, a meio dum canteiro verdejante. A sua côrte, vistosa como nenhuma outra, compunha-se de rosas, que eram damas de honor da rainha hortênsia, de túlipas e anêmonas, de jacintos e camélias.

Mordomo-mór era o cravo. Chefe

da casa civil de el-rei girassol era o goivo e da casa militar, o jasmim.

Havia ali tôdas as flôres, das mais exóticas, como a magnólia e a vitória régia às mais simples e vulgares, como eram a margarida e o malmequer.

Tôdas as flôres se davam maravilhosamente, cumprindo a sua missão de embelezarem a casa de Deus. Umas encantavam o céu com a sua côr,



A meio do jardim, a que nunca faltava, além do orvalho e da carícia do sol, a bênção portentosa de Deus erguia-se uma fonte de maravilha.

As aves cantavam, em doces trinados, os seus amores, construíam os ninhos e sustentavam os filhos implumes, ensinando-os, em seu pipillar, a render graças a Nosso Senhor.

Ora, em certo dia, o ambiente do jardim modificou-se. As flôres da côrte do rei girassol, num dia em que Deus as admirara mais detidamente, sentiram subir-lhes às pétalas um calor que nunca tinham sentido.

Era a vaidade.

Nesse tempo, a dália, a hortênsia e a camélia tinham perfume e, por isso, orgulhosas por serem bonitas e espalharem aroma, começaram a tratar desdenhosamente, além de outras

outras, com o perfume e as pôbrezinhas com a modéstia do seu aspecto.

Nas tardinhas perfumadas, os anjos vinham ao jardim, entoar, em harpas preciosas, melodias de sonho. As almas que viviam no céu escutavam, com enlévo, a canção dos querubins, aspirando, a largos haustos, o perfume das flôres.

(Continua na página 6)

HISTÓRIA DA SALTARICA

por LAURA CHAVES

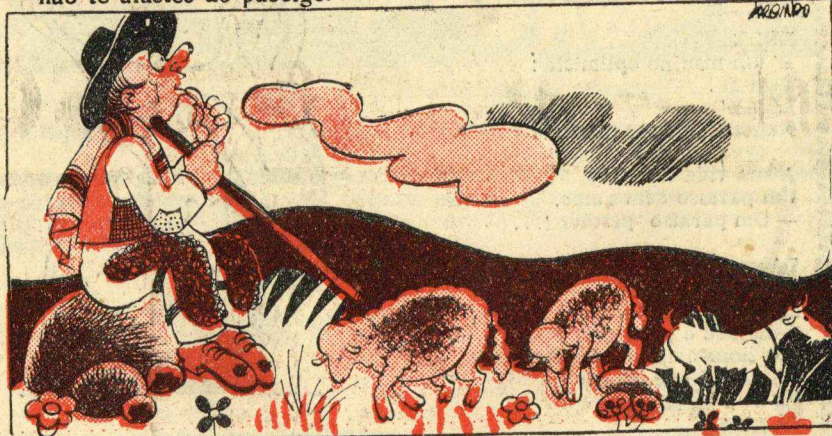
Saltarica era a cabrinha mais esperta e atrevida que no rebanho existia. Andava sempre sôzinha, governava a sua vida dispensando companhia.

Quando o rebanho pastava no prado, tranqüilamente, com o pastor mais o cão, ela, aos saltos, se afastava e lá ia, a imprudente, sem ter medo à solidão.

Quanta vez o cão amigo à cabrinha aconselhava

em seu ladrido fiel:
— não te afastes do pascigo!

Oiha que a montanha é brava
e o lobo muito cruel! —





COSTUMES PORTUGUESES

TIPOS da BEIRA-BAIXA



Beira-Baixa, rica terra da Tradição portuguesa, que tem por altar a serra, ante o qual a Pátria reza.

Suas canções tão bonitas, são tão cheinhas de graça, que hão-de ficar sempre escritas no Livro d'Oiro da Raça.

A resposta era um pinote mais alto e mais arriscado sôbre a bruta penedia e ei-la que seguia a trote, em busca do descampado onde depois se sumia.

Naquela tarde, trepou ao *altos dos pinçaritos*, ao sítio mais elevado! Nem sei como lá chegou,



pois nem cabras nem cabritos nunca ali tinham pastado!

Lá ao longe, na ermidinha, já soára o meio dia. tudo deixára o trabalho e a Saltarica não vinha e nem o vento trazia o tinir do seu chocalho.

Veio a tarde... Ela não veio. O Sol ia-se afastando... Tornara-se frio o ar, e o bom pastor, com receio, os penedos foi trepando sempre por ela a chamar.

Nisto, viu-lhe o corpo branco ao fundo duma descida, a brilhar sinistramente... E ao tirá-la do barranco,

OS NOSSOS CONCURSOS

ENCONTRAI RIMAS E FIXAI CONCEITOS

Por JOSINO AMADO



«Dá Deus o tempo de graça,» Diz quem é imprevidente, Porém, minuto que pa... Não voltará novam....!

Não percais êsse tesouro, Que horas mais horas são meses, E o tempo que passa é... Como dizem os inglês....!



a pobre cabra imprudente tinha a cabeça fendida.

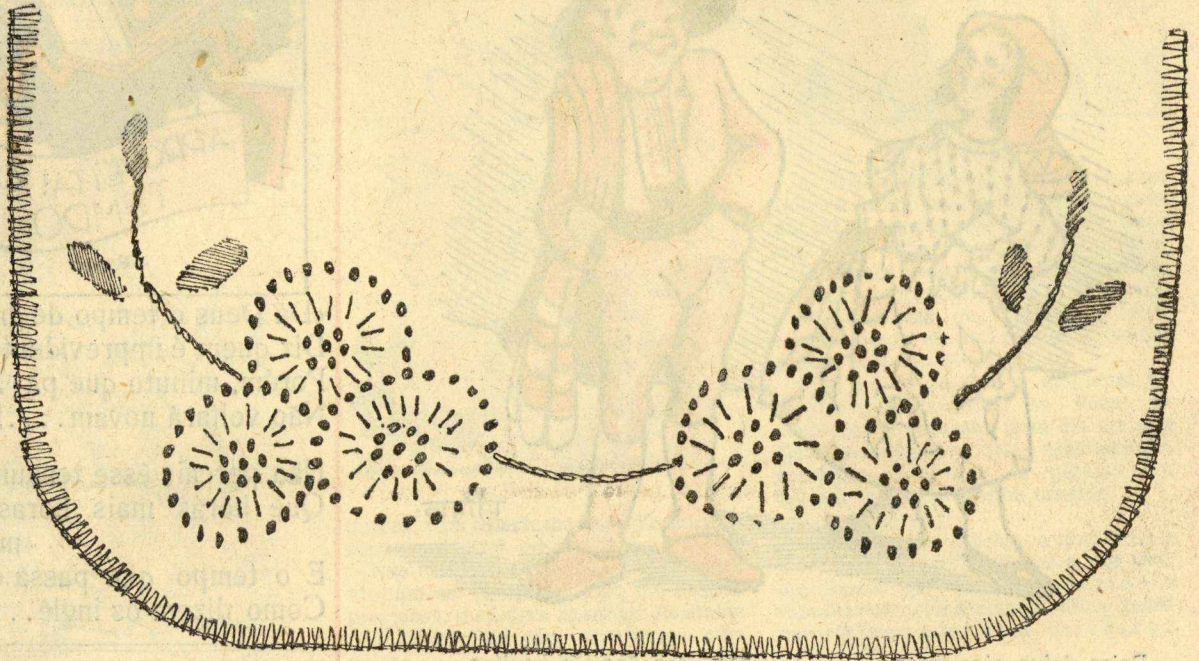
O que eu contei, aqui fica, e é bom que meditem nisto, na história da cabra louca... Pois há tanta Saltarica, por êsse mundo de Cristo, que tôda a cautela é pouca.



O CESTINHO DA COSTURA



Secção para meninas por ABELHA-MESTRA



MARIA DO ROSÁRIO:

O teu pedido não foi atendido há mais tempo, porque outros, feitos antes, tiveram de ocupar os primeiros lugares; por isso não estejas desconsolada, pensando que não fiz caso da tua cartinha. Tôdas serão atendidas mas precisam esperar a sua vez.

Publico hoje o saquinho de guardanapo, deixando as outras coisas para melhor ocasião, pois não é possível reter tudo num «cestinho da costura» que é tão pequenino!

Para excutares este trabalho, escolhe um bocado de linho verde claro.

Com algodão amarelo matizado farás o *tricot* que tem à volta e bordarás as flôres em pontos de nózinhos. Os pontos lisos que representam os estames são castanhos.

Para as folhas aplicarás a cor verde.

Estas côres também se harmonizam perfeitamente com linho branco, cru, cor de rosa e azul.

Escreve-me a dizer se gostaste.

Tua Amiga

ABELHA MESTRA

A VIOLETA e o LÍRIO (Continuado da página 4)

flôres, a violeta e o lírio que nesse tempo, não tinham perfume.

Os desmandos aumentavam. O rei girassol, longe de se impôr, fomentava a desordem. Os tribunais de aves e flôres, especialmente reunidos para resolverem a questão, gastavam um tempo precioso em futilidades, não encarando, a sério, o assunto. Entristecia o jardim.

Os anjos, ao verem a rebeldia das flôres, não davam tanta alegria aos seus concêrto de harpa e as próprias almas puras, que eram poetas, emudeciam.

Ia a discórdia no seu auge, quando,

conduzido pela mão paternal de S. José, o Menino Jesus foi passear ao jardim.

Estava satisfeitiíssimo nesse dia. Tinha vindo à terra levar a consolação a muitas almas.

Ao saber da zanga das flôres, sorriu-se com benevolência. Mas, ao conhecer todos os pormenores da questão, dirigiu-se ao rei girassol, à dália, à hortênsia e à camélia e, para castigo, tirou-lhes o perfume que tinham.

Muito tristes, as vaidosas flôres quasi murcharam de despeito. Então, Jesus, admirando a atitude modesta e simples da violeta e do lírio, disse

algumas palavras, em voz baixa, a S. José. Este concordou, e, daí a momentos, o Menino Jesus apanhando um raminho de violetas, beijou-as, amorosamente. Entretanto, S. José enfeitou com os lírios o seu bordão.

Suavíssimo foi o milagre que se deu. As violetas passaram a ter um perfume divino e os lírios nunca mais murcharam no bordão de S. José.

E, ainda hoje, meus meninos, para castigo do seu orgulho, não têm aroma o girassol, a camélia, a dália e a hortênsia.

CURIOSIDADES A NOSSA CONSTRUÇÃO

O INVENTOR DO TELEFONE

A invenção do telefone deu lugar a uma coincidência extraordinária, única na história das ciências:

As 14 horas do dia 14 de Fevereiro de 1876, o director da Repartição de Patentes dos Estados Unidos da América recebeu a visita de Graham Bell que vinha entregar um pedido de patente para um aparelho destinado a transmitir a distância. Nesse mesmo dia, e passada apenas uma hora, Klysha Groy vinha por seu turno fazer o mesmo pedido para um aparelho em tudo semelhante ao do seu colega Graham Bell. Os dois inventores eram

Porém, o verdadeiro inventor do telefone, nem foi um nem outro; foi o francês Bourseul, que publicou em 1853 a descrição de um aparelho de sua invenção, na revista «L'illustration.» Pode constatar-se que elle tinha imaginado todos os órgãos de que se compõe um telefone, tal qual como existe nos nossos dias. Por desgraça do senhor Bourseul, o dinheiro não abundava nos seus bolsos e, por esse motivo, nunca pôde pôr em prática o seu invento.

É esta a razão porque a invenção do telefone, se attribui geralmente a Graham Bell.

ENTREVISTANDO UM SERVIÇO DE CHA'

(Continuado da página 2)

desejos e certamente os do bule, eram ter, em vez dumas asas, uns braços para castigar um repórter tão malcriado e sem coração.



absolutamente desconhecidos um do outro e tinham apresentado os seus pedidos separadamente.

Depois d'este incidente, associaram-se para explorarem conjuntamente a sua descoberta.



INSTRUÇÕES

Amiguinho: O brinquedo que, hoje, vais armar é um barco; mas não um barco vulgar, pois, a-pesar-de ser de cartolina, pode pôr-se dentro de água' sem perigo de se desmanchar.

Como? perguntarão. Vais já sabê-lo; mas, primeiro, agarra, nas tuas ferramentas e mete mãos à obra:

Cola tódas as peças em cartolina e arma, guiando-te pelo esquema, primeiro o casco; a seguir a parte trazeira e depois o tampo. Cola, também, as peças miudas ou sejam o respirador e o volante, fazendo, para este último, uma haste com um arame.

Que fazer, agora, para o tornar impermeável?

Derreter, simplesmente um «côto» de cera ou estearina e, com um pincel, proceder à «calafetação» do barco ou seja besuntá-lo todo, tendo todo o cuidado, para que nenhuma parte da embarcação tome contacto com a água, sem a camada de estearina.

É simples, como vês.

É pronto!

Agora, caro leitor, deixa-me fazer votos para que nunca venhas a sofrer qualquer... naufrágio!...

ANIMAIS PRE-HISTÓRICOS = ANTI-DILUVIANOS IGUANODON

O «engraçado bichinho» que, hoje, publicamos tem, indubitavelmente algumas parecenças como o cangurú, actual.

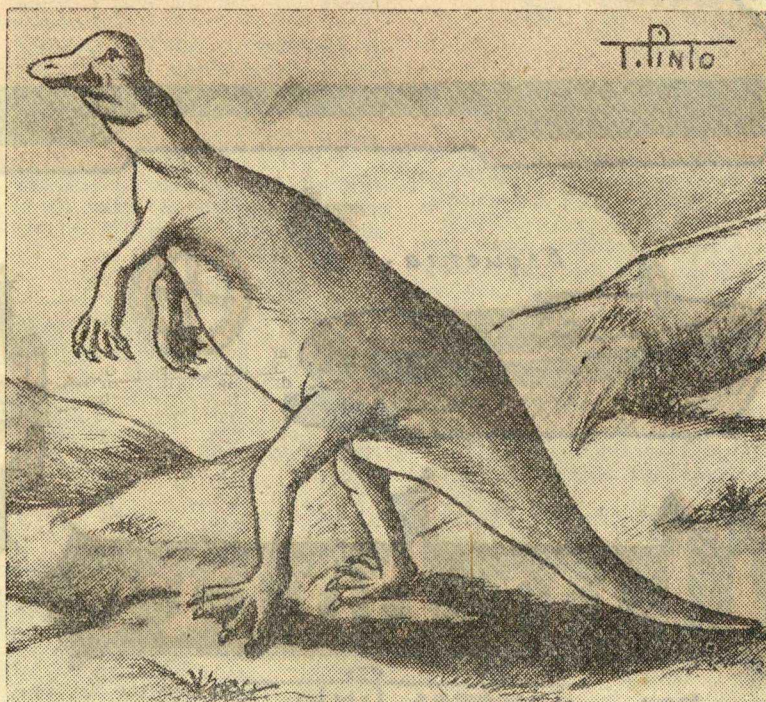
Não é verdade? Mas se lhes disser que é maior, ainda, que um elefante vocês ficarão de boca aberta. Pois é verdade! O seu comprimento tinha uma média de dez metros e era dotado duma grande ferocidade.

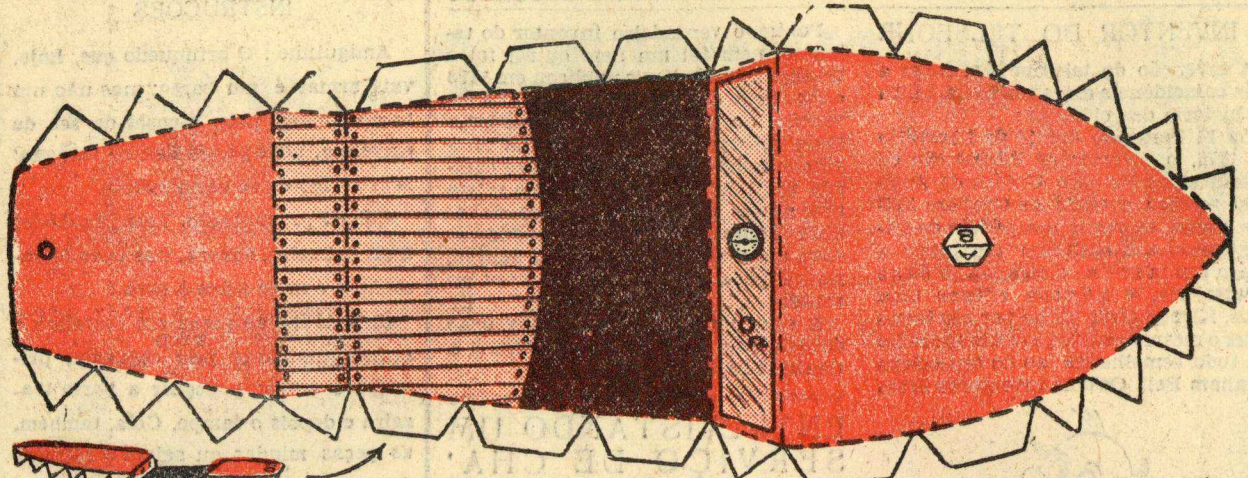
De resto, é próximo parente do terrível Tyrannosaurio, já publicado.

E agora, por último, uma pergunta aos leitores:

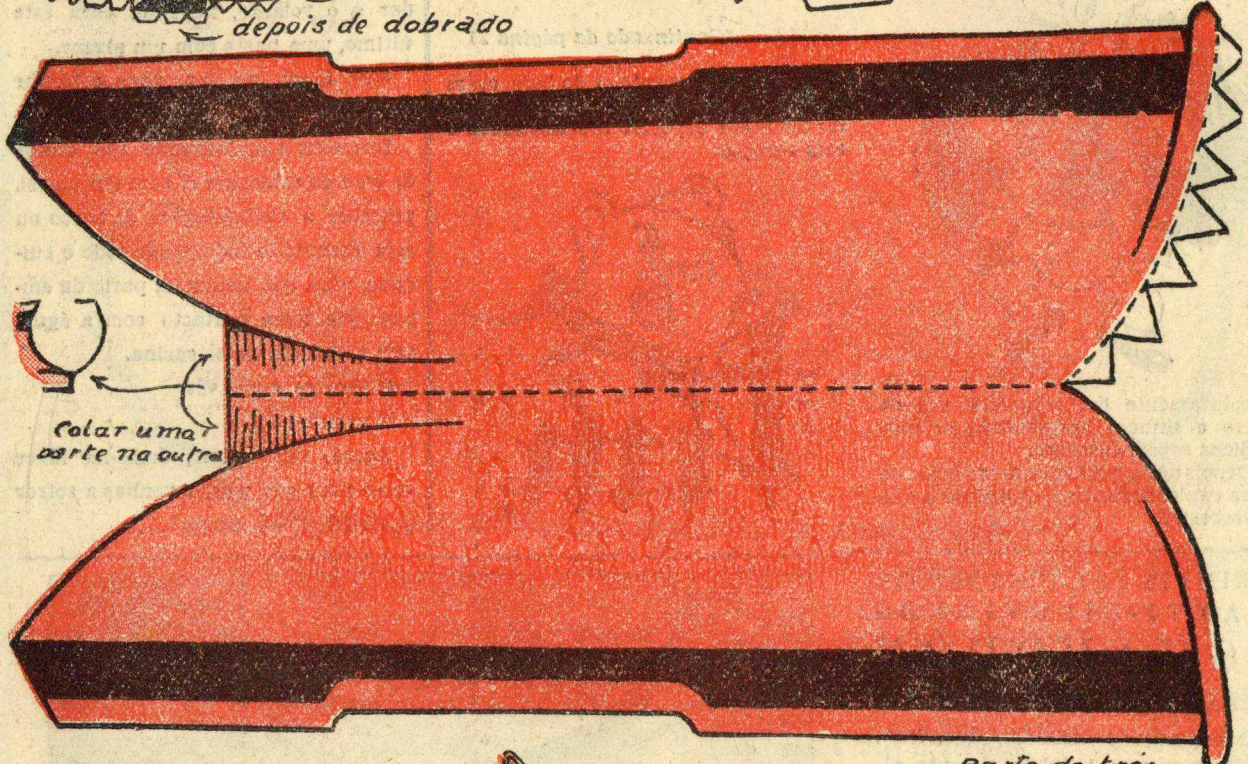
Já repararam que todos estes monstros tinham aparência alegre e bonacheirona?

É bom, amiguinhos, nunca se fiarem nas aparências.



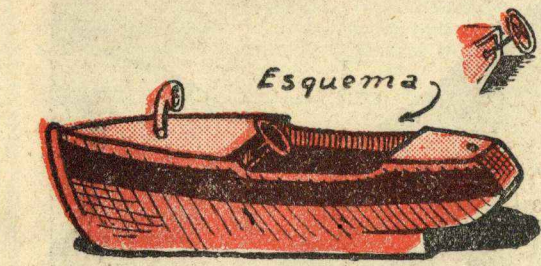


depois de dobrado

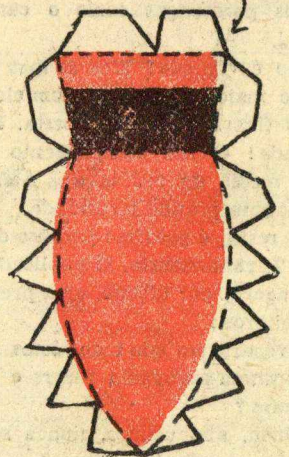


colar uma parte na outra

Parte de trás



Esquema



Um barco

por TAVARES PINTO